

Dicotomia de gênero e a questão do suicídio: contribuições da psicologia histórico-cultural

Amanda Victória Zanetti Hodniuk, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Me. Kayo Rodrigo Vicente, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil,
kayo.rodriigo@grupointegrado.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa explicar a construção das emoções e sentimentos na lógica da divisão e atribuições esperadas para cada gênero. Aqui iremos entender a emoção como uma unidade sensório-perceptual do meio, e os sentimentos como generalizações emocionais do indivíduo, ambos acabam por direcionar decisões através do sentido que foi construído por cada indivíduo (Mesquita; Batista; Silva, 2019).

Sabendo que as funções afetivas são mediadas e aprendidas na vivência em sociedade, torna-se importante saber quais estruturas sociais estão nessa organização com que se interage. Neste sentido, partimos do entendimento de que uma das estruturas enraizadas na sociedade moderna é a diferenciação de gênero, que perpetua reproduções daquilo que convém a ser entendido como próprio do homem e mulher agirem e sentirem. Esse discurso traz valores produzidos e reproduzidos historicamente, em que homens são criados para exercer o papel de corajosos, controlados e viris, enquanto as mulheres possuem a função de naturalmente frágeis, cuidadoras e doces (Zanello, 2018).

Partindo disto, o seguinte estudo se propõe a entender como essas representações de “papéis” podem produzir contradições ao psiquismo daqueles que fogem à essa norma, além de evidenciar a estrutura abusiva que impõe a restrita forma que cada gênero deve se comportar.

MÉTODO

Este trabalho utilizou do método materialista histórico-dialético de pesquisa, portanto, considerou a construção histórica de significados e dos respectivos aprendizados deles pelo indivíduo. Para que a interpretação faça sentido, essa construção não pode ser vista como estática, mas uma contínua transformação tanto dos relações sociais quanto dos sujeitos, no qual “todos têm elementos que desaparecem e elementos que se desenvolvem; a luta desses contrários, (...) é o conteúdo interno do processo de desenvolvimento, da conversão das mudanças quantitativas em mudanças qualitativas.” (Politzer, [197-] p. 70-71 *apud* Marconi; Lakatos, 2017, p. 111-112). Nessa construção, foram conciliados conceitos da Psicologia Histórico-Cultural trazidos pelos autores Almeida (2018), Mesquita, Batista e Silva (2019) e Leontiev (2014), que auxiliaram na compreensão psíquica do

indivíduo. Junto disso, foram entrelaçados às obras de Zanello (2018; 2025) para uma explicação bem estabelecida da lógica de discursos de gênero e seus impactos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção da personalidade advém do contato entre o sujeito e das objetividades do mundo - sendo considerado objetivo tudo que é pertencente ao plano externo, físico ou ideal - e seus significados socialmente perpassados. Os processos culturais são apropriados pelo indivíduo por intermédio da sua atividade, ou seja, ao ter o contato com a objetividade, essa engendra transformações em sua subjetividade - aquilo que é singular, sentido uno a quem o indivíduo é. Neste processo, os significados tornam-se em sentido pessoal e, uma vez que esses sentidos são elaborados, convertem-se em estruturas e funções psíquicas próprias do sujeito, nunca isoladas umas das outras, mas coexistindo dentro da personalidade de cada ser humano (Leontiev, 2014).

Na estrutura das funções psíquicas que são desenvolvidas, a atividade é uma organização central que possui várias etapas engendrando seu funcionamento, o indivíduo pode ter várias atividades e, em cada uma das suas realizações, “responde uma necessidade definida do sujeito, [em que] está direcionada a um objeto dessa necessidade, é extinguida como resultado de sua satisfação, e é produzida novamente, talvez em outras condições, completamente novas” (Leontiev, 2014, p. 58). As necessidades citadas acima que iniciam a atividade, “[...] despontam como estados de carência indiferenciados, manifestando-se como desejos e tendências que se realizam a depender das possibilidades objetivas e subjetivas de saná-las” (Mesquita; Batista; Silva, 2019, p. 4). Portanto, a necessidade propulsiona às ações, que são o processo não diretamente ligado ao objeto de necessidade da atividade, mas que levarão a ele. O que define o quão importante é a atividade, são os seus motivos, ou seja, o “objeto de uma atividade é seu verdadeiro motivo” (Leontiev, 2014, p. 58), e as atividades não existem sem essas motivações, o máximo que pode ocorrer é estes serem não-conscientes. Dentro da categoria de motivos é desenvolvida uma estrutura hierárquica em que eles se organizam a depender da capacidade de incitadoras desses motivos. Os motivos mais centrais, os que assumem os pontos superiores dessa hierarquia são justamente aqueles que têm maiores possibilidades de mobilizar o sujeito. Aquilo que realmente mobiliza sua atividade.

Com a explicação das estruturas das funções psíquicas, as influências das emoções e sentimentos nas ações do indivíduo se tornarão mais claras. Essas “impulsionam ou inibem a atividade e ao mesmo tempo são desdobramentos de sua realização, na medida em que validam ou invalidam os seus resultados” (Mesquita; Batista; Silva, 2019, p. 4). A forma como o indivíduo se sente na realização das suas atividades é mediada com seus sentimentos e emoções, caso ele sinta felicidade em realizar uma atividade, suas motivações estarão alinhadas com esse sentimento. Doravante, a forma de apreendê-los traz a diferença de como cada ser social levará e representará a realidade.

[...] Os processos culturais complexos, incluindo as emoções, desenvolvem-se a partir de processos sociais, coletivos, o que permite supor que as emoções culturais são, antes de serem reações de um indivíduo a determinados objetos, padrões culturais de reação a esses objetos. (Mesquita; Batista; Silva, 2019, p. 4).

E, se o aprendizado dos sentimentos é mediado por uma sociedade marcada historicamente por estruturas que influenciam a forma em que cada indivíduo deverá agir, torna-se importante compreender como essa mediação produz sentido para ele. O conceito de gênero deve ser compreendido em sua dimensão relacional, uma vez que diz respeito às formas socialmente construídas de performar os sexos feminino e masculino, partindo de uma base biológica que é universalmente reconhecida, mas cuja expressão varia conforme os contextos culturais. No recorte ocidental, observam-se recorrências significativas de hierarquias de gênero, bem como de costumes e expectativas associados a essas performances (Zanello, 2018).

Apesar do surgimento do termo gênero acontecer somente no século XX, a estigmatização que ele traz antecede sua nomeação. Como exemplo, na própria Revolução Francesa (século XVIII), foram enviados pela escritora Olympe de Gouges pedidos da implementação de estudos e oportunidades de trabalho às mulheres, no intuito delas serem consideradas cidadãs dignas, já que também pagavam impostos, e suas críticas se pautavam na liberdade limitada que os ditos “revolucionários” proporcionaram ao seu gênero (Zanello, 2025). Esse momento histórico se interliga com a ideia central do que foi, historicamente, pertencer ao gênero feminino.

A ideia apregoada é que os corpos femininos seriam mais débeis e, por natureza, a inteligência das mulheres e seu desenvolvimento moral mais fracos, seus interesses mais fúteis e, por fim, a teleologia de sua existência (motivo de sua realização maior) deveria ser cuidar da família e do marido. (Zanello, 2025, p.34)

Diferente dos homens, que têm historicamente sua construção pautada na noção de virilidade, definida como “princípios de comportamentos e de ações designando, no ocidente, as qualidades do homem concluído, dito outramente, o mais ‘perfeito’ do masculino” (Vigarelo, 2013a, p.11 *apud* Zanello, 2018, p. 178). A virilidade abre ao âmbito masculino a oportunidade e a necessidade da força e dominação em que, historicamente, teve seus desdobramentos particulares em cada cultura, mas ocidentalmente sempre compreendeu “aos ideais de sabedoria, ponderância e prudência” (Zanello, 2018, p. 184), nesse sentido, exprimir afetos torna-se algo desvirilizante por demonstrar uma fraqueza da qual o homem não deve ter, um descontrole de capacidades que deveria reprimir.

Conciliando essas construções e, em conjunto com a noção de que as funções psíquicas são mediadas e transformadas socialmente, podemos entender como estas também influenciam nas tomadas de decisão de cada indivíduo, tornando inevitável a decorrente compreensão da abusiva construção desse sistema identitário. A mulher, ensinada à submissão e prevalência do silêncio acaba por “guardar” mais seus pensamentos e conviver com o sentimento de esgotamento. Analisando dados do Instituto Patrícia Galvão (2023), foi registrado em uma pesquisa que quase metade das mulheres brasileiras (45%) possuem um diagnóstico de alguma psicopatologia e, os sintomas desses transtornos sempre giram em torno de tristeza, irritabilidade, pensamentos negativos, propensão ao autoextermínio, esgotamento, fadiga. Também, há registros da OMS onde o público feminino seja o gênero com mais diagnósticos de transtornos depressivos, com a prevalência de 8% a mais que os homens (mulheres sendo 20% da população enquanto homens são 12%) (Brasil, 2025).

Considerando a estrutura que desencadeia os transtornos psicopatológicos é vista a influência dos motivos, “os motivos mais imediatos e ideologizados contribuem para agravar a fragmentação das atividades e motivos, acentuando os processos de

sofrimento psíquico e muitas vezes incorrendo em falta de sentido para a vida.” (Almeida, 2018, p. 141). A maioria dessas mulheres possuem alguma cristalização ideológica que perpassa suas vidas, “necessidades” ensinadas como a dupla jornada de trabalho - além do trabalho laboral, ter a responsabilidade do cuidado com casa e filhos -, a procura por um par romântico (nesse parâmetro sendo heteronormativo), e até o julgamento quando não há vontade de participar dessa tradicional formação, todas essas pressões sociais causam impactos em suas vidas de maneira singular, podendo ter os desdobramentos apresentados.

Levantando outra perspectiva, foram apresentadas estatísticas do índice de suicídio no Brasil ser maior no gênero masculino. Em 2022, a Organização Mundial de Saúde (OMS) registrou a taxa de 12,6% a cada 100 mil homens em comparação com 5,4% a cada 100 mil mulheres (Associação brasileira de psiquiatria, 2025). Considerando essa nuance do gênero feminino ter o maior índice de diagnósticos coligados a pensamentos de auto extermínio, mas o masculino acabando por apresentar maior tendência em cometê-los, há uma possível explicação desse evento pautada na binariedade de gêneros e o papel desta no desenvolvimento de sentimentos e afetos. Para os homens, o fardo da masculinidade traz a “necessidade de agir constantemente, de demonstrar energia, coragem, resistência, de saber responder aos desafios, de revelar força em todos os propósitos, expressar direção e, bem entendido, de provar sua potência sexual (...)” (Corbin, 2013b, p. 28 *apud* Zanello, 2018, p. 194), quando a realidade não compete às suas expectativas próprias ou de terceiros, é muito mais propenso que aconteça o “impulso masculino” nesse ato, já que são ensinados a agirem como acham correto naquele momento, diferente das mulheres, como já dito, que tendem a perdurar os seus sentimentos.

A pesquisa trouxe a performance de papéis como uma das causas dos dados alarmantes do suicídio de homens e diagnósticos depressivos em mulheres, já que o gênero é um pilar de reprodução estrutural da sociedade. A não-compatibilidade da subjetividade do indivíduo com as objetividades que são esperadas de seu gênero impacta nas possibilidades de motivação e, também, na compreensão e expressão de sentimentos. As desestabilizações das funções psíquicas na consciência vêm do sentimento de inadequação das normas sociais, vistas principalmente na limitação de gênero dentro da heteronormatividade. Por mais que essa limitação muitas vezes não apareça de forma explícita, ela atravessa a forma de expectativas e percepções sobre o outro, em relacionamentos interpessoais, como amizades e relacionamentos amorosos, e nas possibilidades de trabalho que são atribuídas a cada gênero. Esse fenômeno, mesmo oculto, impacta diversas áreas do cotidiano dos indivíduos sem que seja percebido, e os leva até ações extenuantes à existência deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado, as reproduções dos papéis de gênero no Brasil têm caráter histórico pautado na binariedade e colonização europeia que ajudou a produzir, em solo latino, os significados e representações historicamente produzidas no mundo ocidental. Sabendo que muitos dos costumes impostos foram importados e perpetuados a partir de estereótipos europeus, podemos entender melhor a produção social de grande parte dos adoecimentos daqueles que fogem dessa norma (Zanello, 2025). “Na cultura, essa organização se caracteriza pela heterossexualidade obrigatória, pelo binarismo e pelas restrições da sexualidade feminina” (Zanello, 2018, p.44). Essa estrutura implicitamente estabelece deveres a cada gênero e é

extremamente excludente. Há um grande recorte que desconsidera questões raciais, econômicas, e não heteronormativas que estão na subjetividade de vários indivíduos. É necessário frisar que a desconstrução dessas expectativas de gênero, ideias e imposições tem caráter de urgência, para que todas as formas de subjetividade sejam respeitadas e existam de maneira digna.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero. Sentimentos. Psicologia Histórico-Cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. **A formação social dos transtornos do humor**. Botucatu, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). **A campanha setembro amarelo salva vidas!** Setembro amarelo, 2025. Disponível em: <https://www.setembroamarelo.com/> Acesso em: 03 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da saúde. **Depressão**. Portal Gov, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao> Acesso em: 03 abr. 2026.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Quase metade das mulheres possui um diagnóstico de ansiedade, depressão ou algum outro transtorno mental**. Violência contra a mulher em dados, 2023. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/quase-metade-das-brasileiras-possui-um-diagnostico-de-ansiedade-depressao-ou-algum-outro-transtorno-mental/> Acesso em: 03 abr. 2026.

LAKATOS, M. A.; MARCONI, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MESQUITA, A. M.; BATISTA, J. B.; SILVA, M. M. O desenvolvimento de emoções e sentimentos e a formação de valores. **Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.** Uberlândia - MG, v.3, n.3, p.1-25, set./dez., 2019. DOI <https://doi.org/10.14393/OBv3n3.a2019-51695> Acesso em: 30 mar. 2026.

LEONTIEV, A. N. **Atividade. Consciência. Personalidade**. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Curitiba: CC BY-SA, 2014.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gêneros e dispositivos: cultura e processo de subjetivação**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, V. **Scripts culturais, gênero e emoções: Problematizando “gênero” - volume 1**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2025.

